



A ARTE DE INVENTAR GEOGRAFIAS¹

THE ART OF INVENTING GEOGRAPHIES

Alexandre Siqueira de Freitas²

Resumo

Este texto tem o objetivo de relatar as conferências de Gisele Girardi (*Arte, lugar e mapas: trajetórias e intercessores*) e de Aparecido José Cirillo (*Arte e território: processos criativos e experiências ambientais*). Busca expor algumas questões que se ressaltaram em suas falas e, no final, apresentar alguns aspectos que podem ser tecidos a partir do debate realizado. Nesta parte, considera as aproximações entre as abordagens dos conferencistas, cujas temáticas ganham lugar de destaque em um evento no qual o mote foi a reflexão sobre o(s) lugar(es) da arte.

Abstract

This text aims to report on the conferences of Gisele Girardi (Art, place and maps: trajectories and intercessors) and Aparecido José Cirillo (Art and territory: creative processes and environmental experiences). It seeks to expose some issues that stood out in his speeches and, at the end, present some aspects that can be woven from the debate held. In this part, it considers the approximations between the approaches of the lecturers, whose themes gain prominence in an event in which the motto was reflection on the place(s) of art.

Com felicidade, recebi o convite para mediar uma mesa e integrar a comissão científica do Colartes 2019. A organização que transpareceu desde os contatos iniciais já era um forte indício de um bom evento. Mediei as falas de Gisele Girardi e José Cirillo. Este último, coordenador do PPGA-Ufes, abordou processos criativos e experiências ambientais, na relação entre arte e território. A primeira, um tema – ao menos pelo título – bem próximo

¹ Versão em formato de ensaio da relatoria das conferências “Arte, lugar e mapas: trajetórias e intercessores”, proferida pela Profª. Drª. Gisele Girardi, e “Arte e território: processos criativos e experiências ambientais”, proferida pelo Profº. Drº. Aparecido José Cirillo, durante o VII COLARTES 2019: Há um lugar para a arte?, realizado na Cidade de Vitória, Estado do Espírito Santo, de 20 a 22 de agosto de 2019, nas dependências do Centro de Artes, Cemuni IV, da Universidade Federal do Espírito Santo.

² Alexandre Siqueira de Freitas é doutor em Artes/Música pela Universidade de São Paulo (USP) e pela Universidade Paris-Sorbonne (cotutela), Mestre em Musicologia pela Universidade de Toulouse II e Bacharel em Música (piano) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Realizou, em 2015, estágio de pós-doutorado em Artes na Universidade Estadual Paulista (UNESP). Como professor, atuou/atua nas áreas de Educação Musical, Estética, História da Arte, Piano, Música de Câmara, entre outras, na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), nos cursos de Licenciatura e Bacharelado. Em sua atividade como pesquisador, transitou/transita por temáticas da Estética, da Poética, da Teoria da Arte, das relações música-artes visuais e arte-ciência, entre outros campos de interesse. Atualmente integra o corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Artes da UFES. É líder do grupo de pesquisa Núcleo de Estudos em Música e Educação (NEME), juntamente com Darcy Alcântara, na UFES. Foi articulista cultural e colaborador do site e da revista Carta Capital. É autor do livro, publicado na França, *Rencontre des arts* (Harmattan, 2015). Contato: alexandre_sfreytas@yahoo.com.br.



ao de Cirillo: arte, lugar e mapas. Ambas as temáticas muito apropriadas para um evento cujo mote foi a reflexão sobre o(s) lugar(es) da arte.

Com formação acadêmica integral na Geografia, Gisele encampa hoje uma pesquisa que tece elos entre política, poética e imagens cartográficas. Investiga o campo de uma geografia como prática espacial, fruto de construções de olhares, interpretações, que não negam a subjetividade e nem “sabotam a poética” dos espaços, termo usado pela palestrante. Embora, desde os anos setenta do século passado, muito se louve a inter/trans/multidisciplinaridades, ainda hoje não é óbvio encontrar seres sensíveis que consigam transitar em áreas distintas (arte e ciência) sem impor ou negar a visão herdada de sua área de origem. A palestrante dessa mesa faz parte desse seleto grupo, o qual a geógrafa e cientista social britânica Doreen Massey – autora que fundamenta parte das reflexões de Gisele – parece também pertencer. O percurso intelectual que percorremos com a professora era fértil em imagens/evocações de artistas e citações que, como a arte, trazem consigo inúmeras camadas de significações. Marcelo Moscheta, David Byrne e Cildo Meireles mais que ilustraram, deram vida às reflexões feitas por Gisele.

Se o artista cria geografias, como deixou claro a palestra anterior, Piatan Lübe e Nelson Felix são grande inventores de espaços, na leitura de José Cirillo. Já que é impossível falar em espaço em arte sem alguma delimitação, usa-se o termo paisagem. E, como o palestrante sublinhou: não há paisagem sem interpretação. Tanto Felix quanto Lübe constroem, por meio de poéticas distintas, obras que são novas paisagens, novas propostas de ver e entender o espaço. Novas geografias. Apesar de distintos, os dois artistas incutem em suas poéticas, voluntariamente ou não, a discussão sobre arte e política, na medida em as obras comentadas pelo professor ficaram sujeitas a intensas negociações em torno dos espaços em que elas se instalaram. Duas maneiras de atuar na natureza são levantadas por Cirillo, que se fundamenta na noção de “topofilia”, de Yi-Fu Tuan. Em uma, a arte domina a natureza. Na outra, a arte se torna natureza. Piatan opta por esta última. Félix, pela primeira.

Arte e espaço, arte e ciência, arte e política, além da velha e sempre atual dicotomia entre natureza e cultura, tudo isso foi evocado com talento e sensibilidade nas palestras de Gisele Girardi e José Cirillo. A geografia fertilizando a arte e a arte habitando a geografia. O Colartes

VII COLARTES 2019: Há um lugar para a arte?
20 a 22 de agosto de 2019
Centro de Artes – UFES | Vitória/ES



2019 promoveu verdadeiro encontro disciplinar, digno da natural interdisciplinaridade da vida.